

Para começar, como fui parar em Curitiba, no dia do meu aniversário, para assistir o Balé Teatro Guaíra. Esse texto foi um convite e se efetivou em um encontro, e não um encontro qualquer, mas daqueles que incitam a nos fazer diferentes através do outro; e nasce também como uma crítica, mas não aquela convencional de alguém que assiste o espetáculo e escreve sobre ele, mas da possibilidade de uma crítica colaborativa, que pode inclusive ser publicada depois da temporada do espetáculo porque é um diálogo entre espectador e obra, pesquisador e dançarinos, teoria e prática. Então, faz-se. E é também uma carta àqueles dançarinos do Balé Teatro Guaíra.

A história do Balé Teatro Guaíra faz jus a trajetória de mais de 40 anos, representando a categoria de companhia estatal de dança, uma espécie de estandarte da dança cênica para o público paranaense. Isso está presente ao olhar para seu percurso e celebrar sua tradição no presente.

Pois sim, dias 8, 9, 10 e 11 de dezembro de 2011, a companhia apresenta a remontagem de **Treze Gestos de um Corpo** (1990) de Olga Roriz e de **Caixa de Cores** (2005), de Luiz Fernando Bongiovanni, e estreia **Drama** (2011), de Carmem Jorge, paranaense coreógrafa residente da companhia. Com a batuta de Andrea Serio desde, fevereiro deste ano, a companhia passa por uma reinvenção, a fim de efetivar uma paulatina e segura reconquista de autonomia.

Explica-se que a lógica das estruturas públicas, inclusive aquelas da arte e cultura no Brasil, guardam sua tradição e ocupam lugar fundamental de formação da cultura da dança, tanto em sua cidade como no Brasil. Mas aqui algo novo acontece: tamanhas e perceptíveis eclosões de novos sentidos para a companhia estatal merece olhar atento para o que é tradição no presente e o que é autonomia neste contexto.

### **Contextualizar é um ato de coragem**

A remontagem de Olga Roriz, coreógrafa de Portugal, que foi premiada por **Treze Gestos de um Corpo** em 1987, tem sua importância por tornar visível o movimento daquela década. Expressão e dinâmica do movimento escrevem a história estética e política daquela dança. Lembrar qual ponto já passamos faz-nos conscientes da função desse código e realoca todos os demais modos de movimento em nossa sociedade, tanto artística como para formação de diversos públicos.

A remontagem de **Caixa de Cores** (2005), de Luiz Fernando Bongiovanni, parece ser aquele xodó da companhia. Apresentado nesta oportunidade em trechos, com orquestra lindamente ao vivo, tem um prólogo onde dançarinos e músicos aquecem seus instrumentos e corpos. Solos, duos e trios com o argumento das cores que explodem dos movimentos e reafirma prazer de se mover pelo conhecido. Segmentado ou fluido, dinâmico, refaz a ordem do movimento clássico do balé.

E é em **Drama** (2011) que o risco torna possível, desejável e maduro para uma companhia estatal experimentar um modo de pensar contemporâneo, porque autônomo, presente, no movimento, na forma de se colocar. Com coreografia de Carmen Jorge, intrigante coreógrafa da PIP, pesquisa em dança de Curitiba, convidada este ano para residir no Balé Guaíra, faz evidente a admirável decisão dessa instituição em chamar uma coreógrafa da cidade, não por 2 meses, não turista da cidade nem transeunte de um “elefante branco”, como são conhecidas algumas instituições públicas suspensas do tempo, mas sim implicada e co-participativa dessa estrutura.

### **Quando o processo é evidente, não colocamos subtítulos**

Para essa próxima página, adotamos uma prática de não colocar subtítulo. Porque ao falar de processos, e não somente de produtos estéticos, o que está em jogo é a complexidade do processo que contém a evidência ao bailarino, a força da instituição, a voz a obra e tudo que dela pode significar, a autonomia do público de se sentir

implicado na obra e é, por todos estes motivos, que percebemos como é possível inserir companhias desse porte em um pensamento contemporâneo.

Ah, claro, estamos falando ainda de uma companhia estatal que se declara contemporânea, como bem lembrou a doce conversa com Andrea após a apresentação esquentar a pobre paulistana morrendo de frio na rua Conselheiro Laurindo. É declaradamente assim nomeado o Balé Teatro Guaíra, há algum tempo.

O que há de celebração da tradição trazida ao presente é justamente reconhecer-se contemporânea e atuar no processo de criação, reconhecendo que grandes obras, grande teatro não exclui inovação, ousadia e, sobretudo, obriga a autonomia de todas as componentes disso, inclusive do dançarino. Ao lado das obras históricas, "Drama" é uma obra ousada, que peita o público, que conta dos dramas de cada um de maneira poética; as vezes ilustra, mas as vezes também faz elipses de sentido do movimento, que permite ao espectador imaginar possíveis enredos novos ao movimento; com cenas de luz e impacto, como se pede a grandes estruturas, mesmo que com menos possa se fazer mais, quando por exemplo, dos solos em cena.

O que está de mais visível é a certeza de que a história inscrita no bailarino conta sobre suas ambivalências, sejam elas o espaço entre o movimento código (passo de dança) e o gesto e o terreno criado para uma possível dramaturgia que possa nascer neste contexto. Ou seja, a aposta no gesto e na dramaturgia parecem ser um norte de bússola afiada e que implica não só na direção artística, mas nos bailarinos, na instituição, na sociedade e na própria dança cênica brasileira, que pode criar uma rede de diálogo entre as suas companhias estatais, pensando novos projetos para sua existência. Uma dramaturgia desse corpo de companhia estatal que se reinventa quando autônomo de todos os processos convergentes nessa grande história, e que o gesto, certamente, dá conta de sequenciar, em movimentos, tal história.

### ***Madrugada de 9 de dezembro de 2011.***

Caro bailarino guairense,

Estive no dia do meu aniversário assistindo você dançar como se fosse para mim. Obrigada. Seu doce empréstimo de movimentos me fez transitar na história da dança passada no Balé Teatro Guaíra, totem da cultura brasileira, daqueles coreógrafos que lá se tornaram presentes na remontagem de duas obras nas quais seus corpos insistiam em trazer o passado para o presente.

Sim, poderia aqui fazer a política dos elogios a cada duo, cada solo, cada nome, mas como confio que sua arte começa no seu nome com sobrenome e se perde deliciosamente na multidão; me limito a dizer, parabéns, foi lindo.

Mas não quero acabar a carta como um bilhete, pois minha intenção é terminá-la para ser exibida nos prédios de Curitiba, como foram seus vídeodanças, com a grandeza que é particular à companhia.

Continuo dizendo de como a dança de 1990 insiste em permanecer no seu corpo, mesmo o figurino e a luz tendo mudado. Como há códigos que nos perseguem, não?

E queria dizer-lhe que a celebração da noite de hoje foi mais do que código. A história contada hoje não remete só a anos passados da companhia, mas a história de cada um de vocês. Não seria mesmo possível outra coisa, se não o drama de dançar.

Ambivalência não é contradição, nem oposição, nem tão pouco confronto no qual um exclui o dois, o A exclui o B, e assim, um código, outro, uma dança, outro, um momento, o anterior. Ambivalência dá conta justamente de fazer conviver os dois.

E não seria isso que nós sentimos nessa noite? E como vi as formiguinhas nos muros de suas salas, e como vi sua ansiedade em saber como foi, e como senti muito frio na

sua cidade, embora estejamos em plena primavera, desejo muito calor que aquece a autonomia, porque aposto que ela sim é um código que não angustia nossos dramas.

Boa sorte em 2012, boa sorte em cada aula de dança, de pensamento, em cada texto e, sobretudo em cada descoberta que seu corpo permite ao meu e a Curitiba.

Abraço

Nirvana Marinho

**Artista da dança, graduada em dança UNICAMP (1999), doutora em Comunicação e Semiótica (PUC, 2006), especialista em Gestão Cultural (SENAC, 2011). Coordenadora do Acervo Mariposa (desde 2006).**